

Editorial



No *Alcebiades* (I, 129c) de Platão, Sócrates pergunta: “Então, o que é o ser humano” e Alcebiades diz: “Não sei o que responder”. Esse breve trecho do diálogo condensa, por um lado, um questionamento peculiar ao mundo grego e decisivo para o mundo ocidental – a pergunta pelo homem e seu destino; e, por outro lado, traz a riqueza do caráter aberto dos diálogos platônicos, nos remetendo à ignorância socrática, forma pela qual o interlocutor tem que enfrentar seu próprio não saber. O que nos leva a perguntar tem na origem aquilo que Platão e Aristóteles chamaram de espanto, assombro, uma perplexidade que interrompe o familiar e provoca a pergunta.

As respostas dadas pela filosofia à pergunta – que é o homem – foram múltiplas e encetam uma expectativa de *paidéia*, delineiam uma formação. E não foram poucas as tentativas. Podemos lembrar a impressionante força poética da alegoria da caverna de Platão, mostrando que a educação é a libertação de nossos aprisionamentos; o ceticismo de Montaigne, quanto à natureza humana, tão estranha e enigmática; o empenho de Rousseau em ter na natureza o fio condutor para empreender uma reforma moral e intelectual da sociedade. Pensemos também nos esforços de Schiller, que queria, através de uma educação estética, enfrentar as bipartições da modernidade e conduzir à moralidade pela beleza; o sensualismo de Locke que valorizou a experiência da aprendizagem contra o inatismo. E ainda os esforços críticos de Nietzsche, desvelando os enganos da autoconsciência e os perigos das ilusões criadas pela moral, pensando num novo horizonte para a experiência humana. E, por fim, a mudança radical operada por Heidegger quando renova a pergunta pelo ser e questiona todos os humanismos. A partir do mestre, muitos pensadores, como Hannah Arendt, Derrida, Levinas, entre outros, com diferentes modulações e aportes teóricos, retomaram o sentido do humano.

Essas e outras criações do pensamento vieram a constituir a proximidade irrecusável entre filosofia e educação e apontam o eco da pergunta platônica em nossas decisões pedagógicas. Isso não significa,

contudo, uma miríade interminável de respostas, que qualquer uma seria tão verdadeira quanto outra ou, então, aquela da fundamentação última que dogmatiza a resposta. Ao contrário, o esforço reflexivo da filosofia pergunta e dialoga com outras ciências da educação para extrair algumas orientações que tornem a formação razoável e plausível. Nesse sentido, nem tudo tem legitimidade ou justificativa.

A filosofia da educação tem um olhar próprio sobre a ação de educar. Pensa os problemas da educação, as relações entre o homem e o mundo, o sentido da formação humana, as questões ontológicas, éticas, epistemológicas, políticas e estéticas envolvidas nos processos de educar, aprender e criar. Seus conceitos têm história, não são verdades absolutas e eternas, mas estratégias de pensamento para lidar com os problemas educacionais. O diálogo com a tradição filosófica produz novos e constantes questionamentos sobre qual saber convém à educação.

Este número da Revista *Educação* pretende contribuir com o debate na área de filosofia da educação. Conscientes da inevitabilidade do pluralismo e de seu caráter saudável para o debate acadêmico, reunimos um amplo espectro de artigos, que contemplam abordagens diversas sobre o que significa educar nesse diálogo interminável com a tradição filosófica. Considerando ainda os limites não rígidos entre as diferentes áreas da cultura, parte dos artigos aborda também as relações da filosofia com a literatura, a música, arte e a estética, alinhando-se a problematizações peculiares de um mundo pós-metafísico, para tomar de empréstimo um termo de Habermas. Assim, a filosofia da educação se renova, descobre outras potências, outras experiências do pensar.

Abrimos este número, com o oportuno artigo de Jürgen Oelkers, que enfrenta a recorrente questão do bem, com um preciso instrumental analítico. Descreve as formas tradicionais do uso do bem na teoria educativa, a partir do vínculo entre o bem *platônico* e as teorias da alma, que foram postas em dúvida pelo sensualismo de Locke. Prossegue, analisando a provocativa desconstrução da idéia e conclui pela impossibilidade de educar sem uma idéia de bem, desde que submetida a procedimentos públicos de negociação moral e ao controle pela prática e pela pesquisa.

Wolfgang Welsch, perfilado com as questões contemporâneas e apoiado em Wittgenstein, aponta as conseqüências do paradigma da pluralidade para as ciências humanas, especialmente a adoção de um enfoque claramente transdisciplinar. Segundo Welsch, as ciências humanas fariam bem em se confrontar com as diversas formas da pluralidade

moderna, o que epistemologicamente significa desenvolver um relativismo esclarecido, libertar-se da velha ficção de culturas homogêneas e voltar-se para a transculturalidade presente e futura.

Com Antonio Gómez Ramos temos uma perspectiva inteiramente nova para um velho tema: a leitura e o livro. Numa interlocução entre filosofia, literatura e poesia, a relação entre o leitor e o texto é abordada para além da interpretação clássica. A partir das sugestões de Marcel Proust, Paul Celan, Agamben, entre outros, o autor explora a experiência do sujeito, envolvendo também sua exclusão em relação ao livro, seu próprio posicionamento enquanto resto da leitura. Neste sentido, o acervo de leituras e o processo de compreensão delas resultante, constituem-se na identidade do leitor, mas sua subjetividade se estabelece fora da leitura mesma, no processo de transmissão aos outros e, assim, de memória do texto. Essa perspectiva inovadora do sujeito mostra que o “leitor se retira diante do livro e o anuncia para que outros se aproximem e o leiam”.

Ainda na perspectiva de trânsito entre literatura e filosofia, Sousa Dias, apresenta o ensaio *Partir, evadir-se, traçar uma linha: Deleuze e a literatura*. Destaca o exercício deleuziano da filosofia como criação de conceitos, através de seu constante cruzamento com a literatura, para produzir um “efeito” genuíno, que não se obtém nem com a filosofia nem com as demais artes. A literatura é, assim, criar vida, “monumentos” estéticos, um devir outro, uma operação poética sempre renovada.

Com Fernando Gonzáles Placer, o tema da arte retorna no âmbito da formação musical. O autor reivindica “imaginação sociológica” para problematizar um outro modo de pensar a educação musical. Contra uma racionalidade pedagógica técnica e científica, reivindica uma formação que exige algo mais, uma abertura a outras formas de conceber o humano (o amor, os desejos, os medos e também a música), uma dissidência contra os imperialismos e um acolhimento da paixão comunicativa.

A estetização da política é abordada no artigo de Amarildo Trevisan. Ao analisar esse processo tão presente no cotidiano das sociedades contemporâneas, o autor retoma as análises de Benjamin, Adorno e Habermas para contrapor ao eclipsamento da política tornada um fim em si mesmo, ao empobrecimento provocado pela superficialização da estética, as possíveis conexões entre arte e vida, estética e política, através da formação da opinião pública pela razão comunicativa.

Cláudio Dalbosco retoma um clássico da filosofia moderna – Jean-Jacques Rousseau – e problematiza a interpretação de educação natural na primeira infância. Com refinamento conceitual, o autor mostra os

pressupostos filosóficos no pedagógico. O eixo da análise situa-se na tensão entre as necessidades da criança e os cuidados do adulto, de cuja condução cuidadosa dependerá a formação do caráter.

A questão decisiva e delicada da educação em toda a tradição ocidental pode ser sintetizada em um tema: a humanização do homem. Associando fôlego teórico e sensibilidade, Pergentino Pivatto se propõe a debater-lo, partindo da suspeita que a educação se enreda em caminhos erráticos, apropriando-se de conclusões parciais provenientes do discurso das ciências e permanecendo presa à reducionismos antropológicos. O desafio da educação num horizonte histórico-espiritual é tornar o homem humano. Nas palavras do autor: “Um ad-vento do homem como humanização que se efetiva na medida da responsabilidade pela alteridade”.

O tema da ética é tratado por Nadja Hermann, no âmbito das relações entre ética e estética. O artigo aborda o conceito aristotélico de *phronesis*, como uma especificidade da compreensão moral. A deliberação prudente, pode auxiliar no enfrentamento da tensão gerada no processo educativo entre a criação do eu singular, (demanda das éticas estetizadas) e a integração na comunidade (*ethos* comum), criando espaço para o discernimento compreensivo da situação do outro.

Na secção Resenha, Cleber Ratto apresenta o livro *Comunicação do eu: ética e solidão*, de Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Bernardo Issler, que retoma o tema da subjetividade, na perspectiva da comunicação, sem deixar de considerar a solidão da existência. Nas palavras do resenhista: “O eu que se apresenta está sempre em atraso, e no desejo de comunicar-se retém apenas o que já não é, o que fluiu e continua fugindo, escapando à comunicação”.

Por fim, a Revista abre-se para dar a palavra à poesia, já que ela diz aquilo que a filosofia não consegue dizer. Foi Heidegger quem nos ensinou que o dizer poético é um ato inaugural: “Mas pelo fato da poesia, em comparação com o pensamento, estar de modo bem diverso e privilegiado a serviço da linguagem, nosso encontro que medita sobre a filosofia é necessariamente levado a discutir a relação entre pensar e poetar. Em ambos, pensar e poetar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois ‘moram nas montanhas mais separadas’.” (1973, p.221).

O oculto parentesco entre pensar e poetar nos incita a encerrar este número com a poesia *Escribir*, de Chantal Maillard. Uma poesia introspectiva e interrogadora, um jogo de espalhamentos que nos arranca

de aprisionamentos diversos. A autora – poeta e filósofa – conhece as aventuras do escrever e, como afirmou em recente entrevista, ao ser solicitada a comentar os versos “escribir/para confundir las palabras/ y que las cosas aparezcan”, afirmou: “En los conceptos las cosas están congeladas. No las vemos, las reconocemos. Por eso es preciso eliminar las palabras en algún momento, emborronarlas para así poder ver las cosas de nuevo. Por supuesto, habremos de volver a nombrarlas: sólo limitando una parte de la totalidad puede algo aparecer como algo, pero al menos habremos tenido la ocasión de tomarnos ese trabajo”.

Agradecemos a todos que colaboraram com este número da **Revista Educação**.

*Marcos Villela Pereira
Nadja Hermann*

REFERÊNCIAS

CHANTAL, Maillard. *Es más fácil controlar el sueños que la propia vida*. Disponível em: <<http://www.literaturas.com/v010/sec0505/entrevistas>>. Acesso em: 28 maio 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PLATON. *Alkibiades*. Werke, Band 1. Herausgegeben von Gunther Eigler. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001.